

## GRAMSCI NÃO INCAPACITADO

### *GRAMSCI UNDISABLED*

### GRAMSCI SENZA DISABILITÀ

*David Forgacs*<sup>1</sup>

Departamento de Estudos Italianos, Universidade de Nova York, USA

**Resumo:** A maioria dos livros de Antonio Gramsci ou sobre ele reproduz em suas capas a mesma foto de estúdio que data do início da década de 1920. É um retrato de cabeça e ombros que mostram Gramsci com cabelo comprido, um paletó escuro abotoado no pescoço, sem sorrir e olhando para a câmera através de um óculos de armação de arame. Esta também era a imagem dele que mais foi exibida nas filiais do Partido Comunista de toda Itália desde o final dos anos 1940 até 1991. No entanto, se nós a compararmos com outras fotografias existentes de Gramsci, bem como com as de outros líderes revolucionários adotados como ícones do movimento comunista, podemos ver que é diferente do primeiro e se assemelha aos últimos de diversas formas. A diferença mais marcante é o apagamento de qualquer sinal de que Gramsci tivesse uma deficiência física: a curvatura da sua espinha e baixa estatura resultante de uma tuberculose extrapulmonar que teve na infância. Este artigo examina a história desta fotografia e de que maneira ela foi adotada como a imagem aprovada de Gramsci e considera que o que estava em jogo removendo da memória oficial a condição de sua deficiência que é central para ele em sua própria identidade pessoal e política.

**Palavras-chave:** Gramsci; Togliatti; Partido Comunista Italiano; deficiência; iconografia<sup>2</sup>

<sup>1</sup> David Forgacs é professor do Departamento de Estudos Italianos Contemporâneos na Universidade de Nova York. Ele é editor do *The Antonio Gramsci Reader: Selected Writings 1916–1935* (London: Lawrence and Wishart and New York: NYU Press, 2000) e, com Geoffrey Nowell-Smith, de Antonio Gramsci, *Selections from Cultural Writings* (London: Lawrence and Wishart and Cambridge, MA: Harvard University Press, 1985). Seu livro mais recente é *Italy's Margins: Social Exclusion and Nation Formation since 1861* (Cambridge University Press, 2014, Italian edition *Margini d'Italia. L'esclusione sociale dall'Unità a oggi*, Rome and Bari: Laterza, 2015). E-mail: david.forgacs@nyu.edu. Orcid: 0000-0003-2817-2034

<sup>2</sup> Para melhor compreensão do conteúdo foram substituídas as palavras-chave Comunismo por Partido Comunista Italiano, e disciplina por iconografia. Nos resumos originais do autor, na língua inglesa e italiana, foram substituídos

**Abstract:** Most books by or about Antonio Gramsci reproduce on their covers the same studio photograph dating from the early 1920s. It is a head and shoulders portrait showing Gramsci with longish hair, dark coat buttoned at the neck, unsmiling and looking into the camera through wire-rimmed glasses. This was also the image of him most commonly displayed in Communist Party branches all over Italy from the late 1940s to 1991. Yet if we compare it with other extant photographs of Gramsci, as well as with those of other revolutionary leaders adopted as iconic in the communist movement, we can see it differs from the former and resembles the latter in several ways. The most striking difference is the erasure of any sign of Gramsci's bodily impairment: the curvature of the spine and short stature resulting from the spinal tuberculosis he had as a child. The article examines the history of this photograph and the way it became adopted as the approved image of Gramsci and considers what was at stake in removing from official memory a condition of disability that was central to his own personal and political identity.

**Keywords:** Gramsci; Togliatti; Italian Communist Party; disability; iconography

**Riassunto:** La maggioranza delle edizioni degli scritti di Antonio Gramsci e degli studi su Gramsci riportano in copertina lo stesso ritratto, fatto in uno studio fotografico russo nei primi anni '20. È un primo piano in cui Gramsci appare coi capelli lunghi pettinati all'indietro, con il cappotto abbottonato fino al collo, mentre fissa l'obiettivo attraverso gli occhiali tondi. Era questa l'immagine di Gramsci che appariva più spesso nelle sezioni del Partito comunista italiano dai primi anni del dopoguerra fino al 1991. Eppure, se la confrontiamo con altre fotografie di Gramsci e con le immagini largamente diffuse di altri rivoluzionari in altri paesi, colpisce il fatto che si differenzia nettamente dalle prime e somiglia invece a quest'ultime. La differenza più significativa con le altre foto di Gramsci è che in questa vi è l'occlusione di qualsiasi traccia della sua diversità fisica: la curvatura della spina dorsale e la bassa statura, effetti permanenti della tubercolosi extrapolmonare che ebbe da piccolo. Questo articolo ricostruisce la storia dell'immagine iconica di Gramsci e considera i motivi della rimozione dalla memoria ufficiale di una condizione di disabilità che invece faceva parte integrante della sua identità personale e politica.

**Parole chiave:** Gramsci; Togliatti; Partito Comunista Italiano; disabilità; iconografia

---

comunism por Italian Communism Party e discipline por iconography, e comunismo por Partito Comunista Italiano e disciplina por iconografia.

## Introdução – O retrato Icônico

Uma fotografia de Antonio Gramsci é icônica: um retrato de rosto inteiro, provavelmente tirado em 1922, quando ele esteve em Moscou como delegado da Internacional Comunista (Figura 1).



Figura 1.

Ele olha diretamente para a câmera através de um óculos *pince-nez* com lentes circulares sem aro. Seu cabelo está penteado para cima e veste um paletó abotoado até o pescoço com as lapelas viradas para baixo. A imagem é icônica no sentido contemporâneo de ser tão familiar que pode ser instantaneamente reconhecível, pelo menos nos círculos políticos e intelectuais em que o nome de Gramsci possa ser familiar. Esta é a imagem que aparece nas capas da maioria das edições de seus escritos, tanto na Itália quanto no exterior, e em cartazes divulgando as discussões de suas ideias. Às vezes é reproduzida sem modificações como uma imagem em preto e branco (Figura 2), mas muitas vezes é colorizada ou alterada graficamente de alguma outra maneira (Figura 3, por exemplo).

Em um passado não tão distante esta fotografia foi, dentro da subcultura do comunismo italiano, algo como um ícone também no sentido mais antigo: a imagem de uma pessoa que é objeto de reverência e devoção. Foi essa foto de Gramsci, sempre essa,



Figura 2.

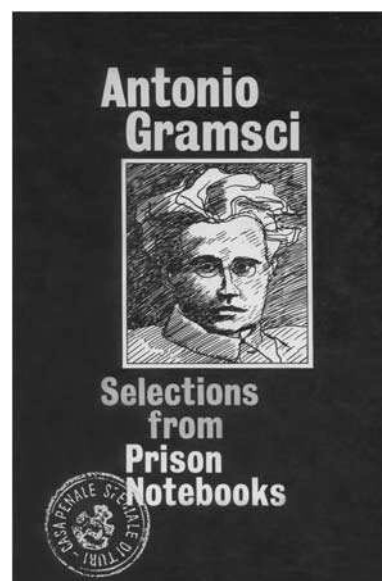


Figura 3.

que um dia foi pendurada nas paredes de cada filial e federação do Partido Comunista Italiano (PCI), bem como do Instituto Gramsci em Roma e os institutos regionais de Gramsci, adquirindo desse modo o status de iconografia oficial (Figura 4). É claro que essa imagem não foi literalmente adorada dentro do PCI, como os ícones de Cristo ou dos santos tem sido na igreja oriental, mas ela teve essa função, como as tem os retratos de líderes comunistas em outros países, de presidir silenciosamente os procedimentos, agindo como um lembrete de um intelectual do partido e herança política suscitando respeito e lealdade, o que pode ser considerado formas seculares de reverência e devoção. O respeito pelo caso de Gramsci foi reforçado pelo fato de que ele esteve preso por oito anos pelo governo fascista e morreu em 1937, aos 46 anos, sendo, portanto, uma das várias pessoas, tanto na Itália como no exterior, que foram reconhecidas como mártires antifascistas depois de 1945. Um caso análogo foi de Ernst Thälmann, secretário-geral do Partido Comunista Alemão, preso pelos nazistas em 1933, e mantido em confinamento solitário por onze anos e então assassinado em Buchenwald em 1944.

O rosto de Gramsci neste retrato passou a se conformar também a um tipo de imagem de um líder ou ativista que foi difundida nos círculos comunistas no século vinte. A fotografia de Trotsky, tirada em 1919, o mostra igualmente com os cabelos penteados para cima e mesmos óculos. A gola de seu terno estilo militar é como a de Gramsci, sugerindo que Gramsci pode ter adotado esse estilo de vestir em Moscou (Figura 5). O paletó abotoado até o pescoço, em marrom, cinza ou verde oliva, tem tanto conotação militar quanto anti-burguesa. Ele é recorrente nas fotografias icônicas de comunistas proeminentes, incluindo Mao Zedong (Figura 6) e Ho Chi Minh. Dadas essas conotações, não é de se surpreender que outra fotografia de Gramsci, tirada quase no mesmo período, tenha sido menos reproduzida. Ela foi usada no passaporte para o Kremlin emitido para ele em 1922 (Figura 7). Sua aparência é semelhante à do retrato icônico – mesmos óculos, mesmo cabelo – mas ele usa uma gravata e blusa de colarinho branco. Isso dá a ele um leve queixo duplo e o faz parecer menos jovial. Ela também fez com que ele se parecesse mais com um cidadão burguês.



Figura 4.

Encontro na filial do PCI em Pádua, na década de 1960.

O retrato icônico de Gramsci também foi combinado com outras fotografias para formar uma genealogia política implícita. Assim como a iconografia soviética dos anos 1930 e 1940s emparelhou Marx com Engels e Lenin com Stalin, também a

iconografia do PCI na década de 1950 e início dos anos 1960 emparelhou Gramsci com Palmiro Togliatti, seu ex camarada e seu sucessor como secretário geral do partido (Figura 8). O

emparelhamento sugere uma linha de descendência direta do pequeno partido fundado em 1921 através dos anos de clandestinidade e exílio sob o Fascismo até o novo partido de massas que saiu da Resistência, com mais de dois milhões de membros filiados entre 1946 e 1956 e mais de 1,5 milhões depois disso. O emparelhamento de Gramsci e Togliatti foi uma condensação visual desta narrativa: um homem havia sido martirizado por suas ações e crenças mas seu legado viveu no outro e em todos aqueles que sobreviveram ao Fascismo e à Segunda Guerra Mundial e que agora buscam, inspirados em parte pelas suas ideias, a construir uma via italiana para o socialismo na nova República.

## O PRISIONEIRO E O PARTIDO COMUNISTA ITALIANO (PCI)

Já na década de 1960 as omissões e falsificações desta narrativa eram visíveis para muitas pessoas fora do PCI e também para alguns dentro dele. As acusações, lançadas principalmente por intelectuais da nova esquerda, começaram a circular que Togliatti e seus camaradas haviam manipulado o legado de Gramsci para caber nos seus próprios propósitos. Alegou-se que a liderança do partido e intelectuais próximos a ele tinham se apropriado dos seus textos póstumos e os editaram de maneira tendenciosa. Era bem sabido que Togliatti havia publicado a primeira edição dos Cadernos do Cárcere (1947) removendo cartas em que Gramsci fazia alusão a opiniões diferentes às da liderança do partido, ou se referia calorosamente a Amadeo Bordiga, o líder da ala esquerda do partido



Figura 5.



Figura 6.

que foi derrotada. Uma seleção mais ampla das cartas foi publicada na segunda edição (GRAMSCI, 1965), preparada sob a supervisão de Togliatti e publicada um ano depois que este morreu, mas várias cartas “difíceis” ainda foram omitidas e as acusações de manipulação da Guerra Fria permaneceram. Também houve críticas da esquerda (ASOR ROSA, 1965, p.210; TELÒ, 1976) da forma como o PCI se baseou seletivamente nos cadernos do cárcere de Gramsci para legitimar sua estratégia de pós-guerra ampla de alianças de classes e a maneira como promoveu os textos do cárcere que tratavam sobre seus escritos anteriores sobre os conselhos de fábrica como instrumentos revolucionários e núcleo de uma futura sociedade comunista, escritos que se tornaram particularmente atrativos para nova esquerda no final da década de 1960 e início da década de 70 (WILLIAMS, 1975; MAIONE, 1975).

Nos anos desde então, as críticas à narrativa de continuidade se multiplicaram à medida que se tinha mais informações sobre o descontentamento de Gramsci com algumas posições tomadas por Togliatti e a liderança do partido depois de 1926. Em outubro de 1926, Togliatti se recusou a passar para o Partido Comunista da União Soviética (PCUS) uma carta de Gramsci expressando sua grave preocupação sobre como lidam com suas diferenças com Trotsky e suas possíveis consequências deletérias. Gramsci também discorda da “virada” da Internacional Comunista em

1930, quando declarou que a revolução era iminente no Ocidente, enquanto Togliatti e a liderança do partido italiano no exílio aceitaram formalmente a virada, depois de serem pressionados pela Internacional Comunista, e expulsaram três membros dirigentes do partido que não aceitaram.

Essas diferenças, e as evidências delas, não foram negadas pelos intelectuais comunistas. De fato, foi o historiador comunista Paolo Spriano quem tornou público pela primeira vez a relação de Gramsci com a liderança do partido durante seu aprisionamento (SPRIANO, 1977). No entanto, a explicação que deram foi que Togliatti teve que fazer concessões com o Stalinismo em Moscou, enquanto Gramsci estava na prisão “fora de circulação”, e, portanto, tinha mais poder político e independência intelectual. Todavia, as tensões entre Gramsci e outros na liderança do partido foram além das divergências de opinião política. Spriano também discutiu a crença de Gramsci de que uma carta enviada a ele por um camarada importante, Ruggero Grieco, de Paris em fevereiro de 1928, enquanto ele aguardava julgamento em Milão, claramente identificando ele e outros como responsáveis pela mudança na estratégia do partido, foi responsável por um agravamento substancial de sua sentença – ele foi condenado há vinte anos por conspiração contra o estado em vez da menor acusação de sedição. Desde a década de 1960 muita atenção tem sido dada por estudio-



Figura 7.

so à reação de Gramsci à “estranha carta” de Grieco, como ele a chamou, bem como as reclamações por aqueles que o conheceram ou já o conheciam antes da prisão de



que ele foi se sentindo cada vez mais isolado e abandonado, até traído, por seus camaradas no exílio.



Figura 8.

Mais recentemente, e particularmente nos últimos vinte anos, a partir de um importante artigo de Claudio Natoli (1995), mais informações vieram à tona, principalmente de fontes de arquivo, sobre as várias tentativas de Gramsci, com problemas de saúde durante grande parte do seu confinamento e gravemente doente no final, ara ser liberado por meio de um apelo de clemência ou uma troca com prisioneiros italianos mantidos na URSS e autorizado a se juntar com sua companheira Julia e seus dois filhos em Moscou. Alguns estudiosos sugeriram que esses pedidos foram deliberadamente sabotados por Togliatti e a liderança do Partido Comunista Italiano no exílio porque suas opiniões políticas divergiam tanto deles que era conveniente mantê-lo na prisão. Esse argumento foi mostrado com mais força por Franco Lo Piparo e Mauro Canali e está sintetizado em seus respectivos títulos de livros, que podem ser traduzidos como “As duas prisões de Gramsci: A prisão Fascista e o Labirinto Comunista (LO PIPARO, 2012)” e “A traição: Gramsci, Togliatti e as Verdades Negadas” (CANALI, 2013). Outros estudiosos, olhando para mesma evidência, foram mais cautelosos em suas conclusões (Canfora 2014a, 2014b, Fabre

2015) ou lembraram a seus leitores que Togliatti também participou de alguns esforços para libertação de Gramsci (VACCA, 2012; AGOSTI e ALBERATO, 2014). Independente de como cada um interprete a evidência, no entanto, havia claramente diferenças significativas entre Gramsci e Togliatti depois de 1926, logo a narrativa de uma simples e direta continuidade política dele até o que se tornou o Partido Comunista no pós-guerra se tornou indefensável. Como resultado, a fotografia icônica hoje torna-se separada do contexto daquela narrativa e seus significados implícitos mudaram.

## DISTORÇÕES E OMISSÕES

Mas o problema com o retrato icônico não é só por causa da forma como ele foi combinado com outras imagens ou usado para enfatizar a narrativa de continuidade. Há algo errado com a própria imagem, com o que ela implica quando a vemos isoladamente, e isso tem tanto a ver com a forma como ela mostra a Gramsci e com o jeito que não o mostra.

A forma como o retrato mostra Gramsci, no auge do seu ativismo político, quando ele tinha cerca de trinta anos, em vez de mostrá-lo entre os anos 1928 e 1937, quando ele esteve preso ou sob custódia numa clínica em Formia e quando ele escreveu e revisou seus Cadernos do Cárcere. Assim, quando nós vemos a imagem na capa das edições de seus escritos enquanto estava preso, nós não o vemos como ele era quando escreveu aquilo. Nas fotos de identificação de quando ele foi internado na prisão em Turim, perto de Bari, em 1928 (Figura 9) seu cabelo continua penteado para cima, mas é mais curto e grisalho, seus óculos são maiores e seu rosto muito mais cheio, sugerindo que ele ganhou peso, provavelmente por causa da má alimentação e falta de exercícios desde que foi preso. Por todas essas razões, essas fotografias são menos atrativas que aquela icônica, mas elas são imagens mais verdadeiras de Gramsci enquanto prisioneiro político.

Por outro lado, a forma como não o mostra é como um homem com deficiência. Gramsci tinha baixa estatura, menos de 1,52 m, e tinha uma curvatura na coluna, o que fazia com que o meio de suas costas ficasse arqueado para dentro, seus ombros impulsionados para trás e seu peito empurrado para frente, como pode ser visto na Figura 9. De acordo com uma lenda familiar, relatada na biografia escrita por Giuseppe Fiori (1966, pp.17-18; tradução para o inglês 1970, pp. 10-17) e amplamente reproduzida em outros relatos publicados sobre a infância de Gramsci, incluindo alguns estudos recentes (por exemplo BERGER, 2013), essas características físicas eram decorrentes de uma queda em casa quando ele era criança, seja na escada – ou em outra versão – quando ele foi deixado cair por uma empregada doméstica. Uma explicação mais plausível, agora geralmente aceita, é que Gramsci teve uma tuberculose espinhal quando criança, também conhecida como Mal de Pott, uma das formas de tuberculose que infecta áreas externas aos pulmões, particularmente as vértebras. A doença era muito comum em crianças e adolescentes na Europa Ocidental até o início do século XX, e ainda é comum hoje em alguns países em desenvolvimento. É provável que Giacomo Leopardi, cuja pequena estatura e a coluna curvada foi tradicionalmente atribuída ao raquitismo também tivesse o Mal de Pott.



Figura 9.

Gramsci fez várias referências em suas cartas à sua doença grave quando criança. Ele recordou que o médico que o tratou quando ele tinha quatro anos não esperava que ele sobrevivesse e seus pais tinham um pequeno caixão preparado para ele. Seus familiares lembraram o tratamento ortopédico que um médico havia prescrito, que era recomendado na época pela comunidade médica (ver Figura 10),

que consistia em suspendê-lo pelo teto. Eles também recordavam que Gramsci usava duas pedras como halteres para fortalecer a parte superior do seu corpo (essas pedras estão hoje na Casa Museo Gramsci em Ghilarza). Fotografias e desenhos de jovens pacientes com o Mal de Pott mostram uma estrutura de esqueleto que se assemelha bastante às fotografias de corpo inteiro de Gramsci (Figura 11). A imagem icônica foi revelada em um estúdio fotográfico com uma edição para fazer o peitoral de Gramsci ser pouco perceptível, e a maioria das reproduções, como esta, tem a imagem cortada logo abaixo do pescoço. Contraditoriamente, seu peitoral é claramente percebido na fotografia tirada logo assim que Gramsci faleceu, na manhã de 27 de Abril de 1937, por um fotógrafo levado por seu irmão Carlo. Em outros aspectos, no entanto, essa fotografia também é uma imagem deturpada, posto que como muitos cadáveres são preparados para serem visitados, colocaram em seu corpo um terno elegante e uma pose digna, seus olhos e boca fechados e braços cruzados sobre o peito. A foto portanto apaga todos os sinais da doença e da decadência física que caracterizou os últimos anos e meses da vida dele (Figura 12).

A aparência e a condição de Gramsci foram mencionadas em vários comentários das pessoas que o conheciam ou estiveram com ele. Vittorio De Biasi, com quem trabalhou no L'Ordine Nuovo em Torino, disse: “sua construção física, que todos nós conhecemos, certamente não era imponente, o que o tornara imponente foi a clareza de suas ideias” (PAULESU QUERCIOLO, 1977, p.58). Tina Odolini, que o conheceu em 1925 quando ela trabalhava no escritório de Milão da L'Unità, reconheceu “seus maravilhosos olhos azuis, incrivelmente vivos, que falavam com você” e seus cabelos grossos e escuros cacheados. “Infelizmente”, ela acrescenta, “ele tinha uma baixa estatura, fisicamente arruinado, eu acredito, por uma doença grave na infância, e eu não creio que a saúde dele fosse boa” (*idem*, p.157). Antonio Pescarzoli, um preso político que esteve com Gramsci rapidamente em Nápoles em 1927 quando ele foi transferido de Ustica para Milão para aguardar julgamento no Tribunal Especial,

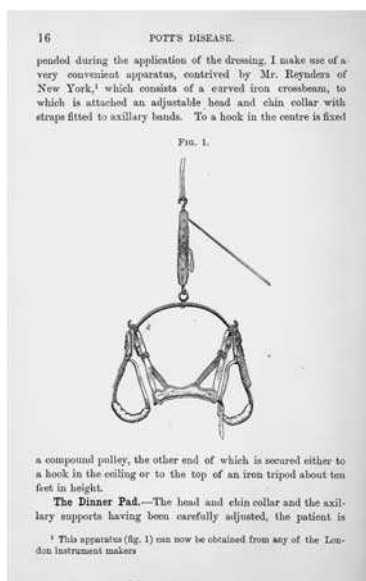


Figura 10.

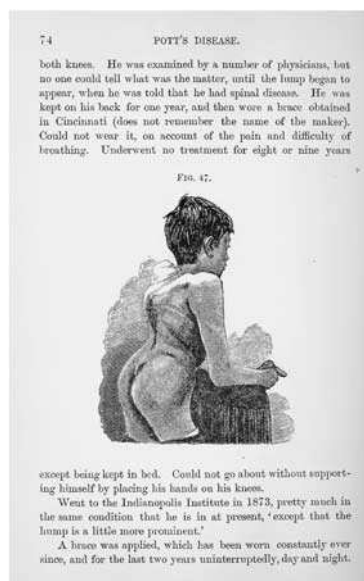


Figura 11.

Ilustrações de Lewis A. Sayre, *Spinal Disease and Spinal Curvature: Their Treatment by Suspension and the Use of Plaster of Paris Bandage*, London: Smith, Elder, & Co., 1877.

descreveu-o como um homem baixo com “uma estrutura frágil e irregular – irregular, para usar um adjetivo nobre, de uma forma 'Leopardiana” (BERMANI, 1987, p.153). Lina Corigliano, também paciente na Clínica Quisisana onde ele passou seus últimos meses, disse: “Gramsci era feio, deformado, mas ele tinha maravilhosos olhos cinzentos” (BERMANI, 1987, p.181). Victor Serge, que o conheceu em Vienna em 1924 (Serge, em um sobretudo claro, de pé a esquerda de Gramsci na Figura 13) escreveu em suas memórias:

A cabeça dele era pesada, sua testa alta e larga, seus lábios finos, o todo carregado em um corpo franzino, de ombros quadrados, peito fraco e corcunda. Havia graça no movimento de suas finas e esguias mãos. Gramsci se encaixou desajeitadamente na monotonia da existência diária, se perdendo a noite em ruas conhecidas, pegando o trem errado, indiferente ao conforto de seus aposentos ou a qualidade de suas refeições – mas intelectualmente ele estava absolutamente vivo. Treinado intuitivamente na dialética, ágil para descobrir a falsidade e transfixa-la com o ferrão da ironia, ele via o mundo com uma clareza excepcional... Quando a crise na Rússia começou a se agravar, Gramsci não queria ser quebrado no processo, então ele mesmo se enviou de volta a Itália pelo Partido: ele, que era identificável à

primeira vista por causa de sua deformidade e sua grande testa. (SERGE, 2012, pp.218–219)

O próprio Gramsci se referiu à surpresa que as pessoas às vezes tinham quando o viam pela primeira vez. Em uma carta de 19 de fevereiro de 1927 enviada a Tatiana Schucht ele contou como em Palermo, durante a transferência de Ustica, ele foi apresentado por um preso político de Turim a um siciliano: “o outro sujeito me olhou por muito tempo, e então perguntou: ‘Gramsci, Antonio?’. Sim, Antonio! eu respondi. ‘Não pode ser’, retrucou ‘porque Antonio Gramsci deve ser enorme e não esse homem tão pequeno’” (GRAMSCI, 1994, p.74; em italiano 1965, p.50). Gramsci acrescentou que o policial no comando da operação de transferência “me disse que sempre me imaginou como uma pessoa 'Ciclópica' e que desse ponto de vista ele estava muito desapontado” (GRAMSCI, 1994, p.74; 1965, p.51).



Figura 12.

Por que insistir no fato da condição física de Gramsci e ver a sua ausência no retrato icônico como um problema? Alguém pode querer argumentar que isso é irrelevante para quem ele foi, que o impacto político que ele teve em sua vida e seu legado depois de sua morte não são devidos ao seu corpo, mas à sua mente, suas ideias. De fato, esta foi a visão tida pela maior parte das pessoas que comentaram sobre sua aparência, incluindo aquelas em que as passagens citadas acima mencionaram sua altura ou curvatura da coluna, mas logo em seguida falaram sobre seus olhos vivos ou acuidade intelectual. Na verdade, pode-se argumentar que essa visão é consistente com

o posicionamento assumido hoje por alguns defensores dos direitos das pessoas com deficiência que dizem que se deve olhar além da deficiência para a pessoa, ou ver a pessoa como um todo e não apenas a pessoa com deficiência. Como disse uma propaganda de conscientização produzida na Jordânia em 2010 “Olhe para mim, não minha deficiência”<sup>3</sup>. É possível ainda querer argumentar que, a esse respeito, a fotografia icônica mostra a verdadeira essência de Gramsci como um influente político, ativista e pensador, enquanto aquelas outras fotografias de corpo inteiro desviam nossa atenção para um aspecto meramente superficial de quem ele era, relevante apenas para sua vida privada ou pessoal, ou seja, seu corpo e sua aparência exterior.

Existe alguma razão neste argumento, mas ele tem três problemas. Primeiro, ele envolve uma ideia abstrata, descorporificada de personalidade. O apelo para olhar além da deficiência para a pessoa é uma reminiscência dos primeiros apelos antirracistas para olhar além da pele da pessoa ou do feminismo do século XIX sobre olhar além do sexo biológico para a pessoa. O que todos esses apelos ignoram é que essas pessoas na realidade estão incorporadas e seus corpos são uma parte importante de como elas se veem, como os outros as veem e como elas interagem com os outros. Aqueles que comentaram sobre a condição corporal de Gramsci mas depois sugeriram que isto era irrelevante pareciam ter pressa para compensar que notaram isso. O “mas” na fala de Victor Serge “mas intelectualmente ele era absolutamente vivo” ou de Lina Corigliano “mas ele tinha maravilhosos olhos cinzentos” é a marca dessa jogada compensatória. Isso nos diz muito mais sobre o estranhamento deles em reagir a Gramsci do que sobre o próprio.

O segundo problema é que, ao destacar a inteligência de Gramsci (“o que o torna imponente é a clareza de suas ideias”; “mas intelectualmente, ele era absolutamente vivo”) o argumento tende a marginalizar pessoas com deficiência que não possuem um intelecto excepcional e aqueles que não conseguem facilmente “elevar-se acima” de seus corpos, inclusive aqueles com deficiências intelectuais, que são os primeiros

<sup>3</sup> O autor incorpora ao texto o endereço eletrônico:  
([http://www.unesco.org/archives/multimedia/?s=films\\_details&pg=33&id=1745](http://www.unesco.org/archives/multimedia/?s=films_details&pg=33&id=1745))

deixados para trás quando alguma mente brilhante é elogiada. Gramsci com certeza era consciente de suas excepcionais habilidades intelectuais, e ele foi capaz de usá-las tanto para comandar diferentes áreas do conhecimento quanto como uma arma polêmica contra seus adversários. Sua mente também incutiu medo em outros – recorda-se a observação atribuída ao promotor público Michele Isgrò quando sua sentença foi proferida em 1928: “por 20 anos nós devemos impedir esse cérebro de funcionar”. Mas é improvável que Gramsci tivesse aprovado a elevação à cult de seu intelecto, pois politicamente ele estava comprometido com a construção de um movimento de massas inclusivo, no qual o conceito de hegemonia era o pivô, e ele tinha pouca paciência com intelectuais que gostavam de permanecer nos seus próprios círculos fechados.



Figura13.

Vienna, 1924. Da esquerda para direita: Victor Serge (com um sobretudo claro), Robert Petit (com cachimbo), Gramsci, Vladimir Kibalchich (filho de Serge) segurado por um homem desconhecido, Ljubov Kibalchich (esposa de Serge e mãe de Vladimir).

O terceiro problema com o argumento é que ele defende implicitamente uma separação tradicional entre a vida pública e a pessoal, julgando a primeira como mais importante, ao menos quando se trata de um pensador político. No entanto, essa separação tem sido contestada há muito tempo, tanto por feministas quanto pelo



movimento das pessoas com deficiência que argumentam que a vida pessoal e pública estão necessariamente interligadas, e que não se pode ter uma vida pública a menos que se tenha acesso ao espaço público, isto é, emprego e um papel ativo na sociedade, acesso que é dificultado para muitas mulheres e muitas pessoas com deficiências. Gramsci conseguiu ganhar destaque no espaço público, mas ele foi pouco reconhecido entre as pessoas com deficiência.

## O CORPO E A DISCIPLINA

Há várias evidências nos próprios escritos de Gramsci e de outros autores sobre ele, que havia conexões com a experiência de viver em seu corpo e a personalidade que ele desenvolveu, assim como alguns de seus argumentos e ideias. Duas evidências valem a pena destacar particularmente. A primeira delas são suas lembranças, que ele confidenciou em uma carta de 13 de fevereiro de 1923 a uma das irmãs Schucht (possivelmente à Julia, sua futura companheira, mas mais provavelmente a sua irmã mais velha Evgenia, por quem ele parecia ter um forte apego) de ter sentido, quando ele era criança, que ele era um fardo para sua família. “Eu me convenci de que era alguém que eles tinham que aturar, um intruso em minha própria família. Essas são coisas que não são facilmente esquecidas, que deixam marcas muito mais profundas do que qualquer um pode imaginar. Todos os meus sentimentos foram envenenados por esse hábito arraigado de pensar”. E por causa disso, ele escreve, que “por muito, muito tempo, eu tenho verdadeiramente me acostumado a pensar na impossibilidade absoluta, quase um fato decretado, de que eu possa ser amado por alguém” (GRAMSCI, 2014, p.132; em italiano 1992, p.108). Em uma carta anterior ao mesmo destinatário, ele escreveu que a vida dele antes de conhecê-la tinha sido “uma chama extinta, um deserto” (“*una fiamma fredda, uno sterpeto*”) e que recentemente “o esgoto do meu passado me trouxe de voltas coisas que por algum tempo me deixaram envenenado” (*idem*, p.131; p.111).

Seríamos imprudentes se especulássemos muito, com a pouca quantidade de informação que temos, sobre o que essas “marcas mais profundas” podem ter

significado, mas há alguns aspectos do comportamento de Gramsci registrado que podem estar conectados a essa sensação de ser indesejado ou rejeitado. Um deles foi sua reserva em público. Várias pessoas comentaram que enquanto ele ouvia atentamente os outros em encontros políticos ele falava pouco, e embora fosse um escritor brilhante, não era particularmente eficaz como orador. Andrea Viglongo o comparou a Angelo Tasca quando eles estavam no movimento juvenil do Partido Socialista Italiano: “Tasca era secretário-geral da Aliança Cooperativa, um vereador, um oficial. Gramsci era um homenzinho [*ometto*] que se escondia no canto mais distante do corredor. Ele não estava nem um pouco interessado em ser visto. Ele estava muito mais interessado em poder observar os camaradas e os trabalhadores que estavam lá” (PAULESU QUERCIOLI, 1977, p.120). Quanto à sua sensação de ser uma “chama extinta”, há sinais disso na amarga e até cruel forma como às vezes tratava pessoas próximas a ele, um aspecto de seu comportamento que é difícil de separar de sua forte determinação e resiliência, que ele demonstrou no cárcere. Ao mesmo tempo que escrevia amorosamente a Julia ele podia ser muito grosso com ela, repreendendo-a por não escrever para ele com muita frequência, repreendendo por sua prosa italiana excessivamente cuidadosa quando ela usava isso como desculpa para não escrever mais, criticando a maneira como ela criava seus dois filhos e sendo indiferente à depressão dela. Ele poderia ser igualmente duro com sua irmã Tatiana, que era a pessoa que ficou mais próxima a ele durante seu encarceramento e quem intermediou as correspondências entre ele e Piero Sraffa, que desempenhou um papel essencial apoiando a Gramsci intelectual e materialmente enquanto estava preso (SRAFFA, 1991).

A outra evidência sugere uma conexão estreita entre a experiência corporificada de Gramsci e suas ideias que eram repetidamente referenciadas nos seus escritos sobre a importância da auto-disciplina e a necessidade do trabalho árduo, processos nos quais ele colocou considerável ênfase no corpo. Seus exercícios com pesos enquanto criança em Ghilarza para fortalecer os braços e o tronco foram um dos primeiros exemplos de sua determinação em vencer, mas também de uma conexão entre esforço físico e intelectual.

Quando as difíceis circunstâncias familiares o forçaram a interromper seus estudos aos 12 anos, ele trabalhou por dois anos no cartório local, carregando livros pesados de contabilidade, até ele conseguir retomar sua escolaridade em Santu Lussurgiu (Figura 14) e depois ir para o liceu em Cagliari. Muitas pessoas que o conheciam em diferentes estágios da vida comentaram sobre sua tenacidade no estudo e trabalho intelectual, que envolvia uma habilidade de superar as dificuldades físicas de seu ambiente. Um colega de escola em Cagliari, Renato Figari, disse que a habilidade de Gramsci de viver e estudar naquela época em seu quarto escuro e úmido em uma pensão barata era “um milagre que somente sua força de vontade poderia realizar”. Nos seus escritos sobre educação nos Cadernos do Cárcere, Gramsci, como é bem sabido, desprezava as abordagens liberais da educação que centravam-se na liberdade da criança para desenvolver e explorar, pois argumentou que isso beneficiaria só crianças de lares mais ricos que já estavam culturalmente entrelaçadas ao sistema escolar e prejudicaria os filhos da classe trabalhadora. O que menos se observa é que a disciplina educacional que ele defendia se relacionava diretamente à disciplina do corpo:

Na educação, lida-se com crianças as quais se deve inculcar vários hábitos de diligência, precisão, equilíbrio (mesmo equilíbrio físico), habilidade de concentrar em determinados assuntos, que não podem ser adquiridos sem uma repetição mecânica de atos disciplinados e metódicos. Será que um estudioso aos quarenta anos poderia ficar sentado por dezesseis horas seguidas em sua mesa de trabalho se não tivesse, quando novo, compulsoriamente, por meio de coerção mecânica, adquirindo os hábitos psicofísicos apropriados? (GRAMSCI, 1971, p.37; em italiano 1975, p.1544)



Figura 14.

A nota pode ser auto-referenciada. Gramsci tinha por volta de quarenta anos quando escreveu a escreveu e desde que conseguiu uma cela privativa, ele leu e escreveu metodicamente por várias horas na maioria dos dias. Entre 1928 e 1935 ele escreveu, em uma caligrafia bem cuidada, o equivalente a quatro mil páginas datilografadas de cadernos (PLATONE, 1946, p.81) e mais de trezentas cartas. Posteriormente, naquela mesma nota ele escreveu:

Isso será sempre um esforço de aprender autodisciplina física e autocontrole; o aluno tem, em efeito, que se submeter a um treinamento psicofísico. Muitas pessoas precisam ser convencidas de que estudar também é um trabalho, e um trabalho bastante cansativo, com um aprendizado particular – envolvendo músculos e nervos bem como o intelecto. Esse é um processo de adaptação, um hábito adquirido com esforço, tédio e até sofrimento. (PLATONE, 1971, p.42; 1975, p.1549).

No caderno 22, “Americanismo e Fordismo”. Gramsci recita essas passagens quando discute a formação de um novo tipo de trabalhador industrial, aquele cujo trabalho exige um “nexo psicofísico de um novo tipo”. Ao descrever esse novo nexo ele considera as condições que emergem durante e após a Primeira Guerra Mundial: a repressão forçada dos instintos sexuais dos soldados, a continuação da repressão na disciplina das fábricas fordistas com seu tempo restrito e movimentos pré determinados, a extensão pela empresa do controle sobre os trabalhadores para além da fábrica e em um disciplinamento de suas vidas privadas, através da proibição e da

regulação moral da vida familiar e comportamento sexual. Nessas notas é possível ver a emergência em Gramsci de um pensamento biopolítico quarenta anos antes de Foucault nomear assim. Parece inteiramente plausível que esse entendimento de Gramsci faz parte de uma relação íntima entre corpo e mente tanto na educação quanto no trabalho na indústria, que envolvia, em uma parte, a projeção de sua própria experiência corporificada. Vale acrescentar que a Primeira Guerra Mundial, que deixou milhares de ex combatentes com deficiências, também foi um divisor de águas acerca da visibilidade pública da deficiência na Itália, como no resto da Europa, e levou as primeiras associações de trabalho voluntário para pessoas com deficiência, das quais Gramsci tinha conhecimento. A “Liga de Proletários Inválidos Mutilados Veteranos Órfãos e Viúvas de Guerra” (*Lega proletaria mutilati invalidi reduci orfani e vedove di guerra*) ativa de 1918 a 1924, foi uma das várias organizações que surgiram nessa época e se aproximaram do Partido Comunista (ISOLA, 1990; ver também SCHIANCHI, 2014).

## BARREIRAS SOCIAIS E RESILIÊNCIA PESSOAL

A deficiência de Gramsci não consiste, todavia, simplesmente em uma condição corporal. Como os defensores do modelo social de deficiência têm defendido, que uma pessoa pode ter um impedimento físico e intelectual mas ele ou ela é incapacitado não (como o modelo médico sustenta) pela deficiência, mas sim pelas barreiras sociais erigidas que impedem que ele ou ela tenham uma participação plena e ativa em igualdade de condições com outras pessoas. Essas barreiras tipicamente incluem – dependendo do tipo de impedimento – obstáculos físicos para circular livremente, de acessar edifícios e partes deles, mas também a atitude negativa de outrém: preconceitos, expectativas reduzidas sobre a capacidade ou independência da pessoa, incompreensão e medo, que podem levar ao bullying ou ostracismo. Gramsci não teve problemas significantes de mobilidade até os últimos dias de sua vida, quando foi gravemente debilitado pela doença, e, como vimos, ele foi capaz, como uma série de pessoas com deficiência com habilidades intelectuais incomuns, de usar essas habilidades para contornar e de fato superar alguns dos preconceitos que ele pode ter

encontrado de outra forma. Mas, assim como eu sugeri, há evidências que apoiam a visão de que seu tipo particular de resiliência, sua tenacidade em manter um rigoroso regime de trabalho, tanto antes quanto durante o encarceramento, se desenvolveu ao menos em parte pela reação aos obstáculos que encontrou e como formas pessoais de superá-los.

Se a deficiência de Gramsci continua sendo largamente não noticiada por muitas pessoas que o leem e citam, é graças a distorção de sua imagem possibilitada pela fotografia icônica e sua ampla disseminação, vários teóricos e ativistas com deficiência, ao contrário, inspiraram-se em seu trabalho e sua vida. Na Grã-Bretanha, Michael Oliver, um dos principais defensores do modelo social de deficiência, usou o conceito de Gramsci de hegemonia para explicar a prevalência de um modelo individualizado e medicalizador da deficiência nas sociedades capitalistas e sua noção de sociedade civil para indicar como poderia reivindicar um novo movimento social de pessoas com deficiência (OLIVER, 1990, pp.123-125). Tom Shakespeare escolheu Gramsci como sua contribuição à Série Great Lives da Rádio 4 da BBC, e escreveu em seu blog, que entre um panteão histórico de revolucionários com deficiência que também inclui Marat, Georges Couthon e Che Guevara, ele considerava Gramsci alguém “especialmente admirável, não por causa do seu heroísmo frente a repressão e sua condição de saúde, mas também por causa de sua humanidade” (SHAKESPEARE, 2014b). Nos Estados Unidos, Anne Finger publicou em 1996 um cenário de fantasia de um encontro impossível em 1912 entre Gramsci e Rosa Luxemburgo, que como Gramsci teve uma doença na infância que a deixou permanentemente incapacitada, no caso dela mancando. Os dois revolucionários trocam notas sobre como suas deficiências afetaram a percepção dos outros sobre eles e suas carreiras políticas. Luxemburgo especula que, embora sua deficiência a tenha “retirado do gênero” dentro do movimento socialista, ela encontrou lá “o lugar onde sua força de espírito, de caráter, poderia superar sua falha física, permitir que ela seja desejada. Ela apenas se permite saber que ela sentiu liberdade aqui, uma liberdade que ela não poderia sentir em nenhum outro lugar” (FINGER, 1996, p.78). O texto implica que algo parecido também se aplicava a Gramsci.

Se as fotografias usadas de uma determinada forma, como esse caso mostra, podem não ser confiáveis como fonte de informações sobre como alguém realmente era, textos ficcionais como os de Finger permitem que especulações e palpites sobre eles circulem livremente sem a necessidade de serem confrontados com provas factuais. Dessa forma, eles podem realmente nos ajudar a recuperar algo que o registro oficial apagou. Em outro cenário fictício envolvendo Gramsci, o romance de Penelope Fitzgerald chamado *Inocência* (1986), um dos personagens principais, Salvatore Rossi, se lembra de ter sido levado, quando ele era criança, por seu pai para visitar o Gramsci moribundo na Clínica Quisisana. O cenário de Fitzgerald, assim como a história de Finger, é pura invenção, e a representação de Gramsci nele é grotesca, e até cruel. Sua “boca grossa... aberta e sombreada, como a de um sapo, sem um único dente à vista. O minúsculo corpo aleijado não podia mais fingir que cabia em suas roupas comuns, que penduraram nele, como teriam feito em um animal de circo” (FITZGERALD, 1986, p.39). No entanto, o episódio como um todo é precisamente eficaz porque usa a linguagem ingênua e não filtrada da criança para focar na inteligência de Gramsci e a força de vontade, demonstradas em sua conversa com o pai de Salvatore, de volta a um corpo que, como Fitzgerald sabia, estava debilitado e doente há muito tempo, e para o mostrar em declínio terminal. Deste modo, a imagem ficcional de Gramsci descrita por Fitzgerald se aproxima mais com a verdadeira imagem que aquela fotografia com a qual ele se tornou quase universalmente reconhecível. É uma imagem bem resumida na descrição mordaz de Anne Finger como uma “cabeça sem corpo”. A frase vem de uma passagem do texto dela que começa imaginando ele antes do Tribunal Especial fascista em 1928:

Ele mancará sujo, com a barba por fazer, se sentindo como um animal ferido e rastejante: um furão, talvez, rastejando e predatório; ele sentirá uma sensação de vergonha física e entenderá novamente uma frase que ele terá escrito anos antes, quando os conselhos de operários de turim fracassaram: *a burguesia está emboscada nos corações do proletariado*; em seu caminho para se tornar um grande pensador, o Gramsci que flutua, uma cabeça sem corpo, em pôsteres desbotados pregados nas paredes de apartamentos em Madison, Wisconsin, e Berkeley, California (FINGER, 1996, p. 77)

## AGRADECIMENTOS

Pela permissão de reproduzir as fotografias na posse das famílias Gramsci e Paulesu gostaria de agradecer a Luca Paulesu e Antonio Gramsci Junior. Pela ajuda em rastrear os detentores de direitos autorais, agradeço a Giovana Bosman da Fundação Instituto Gramsci em Roma, Alessandra Marchi da GramsciLab da Universidade de Cagliari, Raimondo Marchi e Antonella Sanna da Associação Casa Gramsci em Ghilarza. As fotografias de Trotsky e Mao reproduzidas aqui são de domínio público. Eu sou grato a Giampiero Griffo do Conselho Mundial das Pessoas com Deficiência e a Tom Shakespeare, professor de Disability Research na Norwich Medical School, por seus comentários em um rascunho anterior deste artigo.

Traduzido por

*Ana Souza Pereira*

Assistente Social e Mestranda do PPGSSDR- UFF

## REFERÊNCIAS

AGOSTI, A. e ALBETARO, M. ‘Storia indiziaria, ma sui documenti’. In *Inchiesta su Gramsci: Quaderni scomparsi, abiure, conversioni, tradimenti: leggende o verità?*, edited by A. D’Orsi, 3–12. Turin: Accademia University Press. 2014.

ASOR ROSA, A. *Scrittori e popolo. Saggio sulla letteratura populista in Italia*. Rome: Samonà e Savelli, 1965.

BERGER, J. ‘How to Live with Stones’. In *Gramsci: Space, Nature, Politics*, edited by M. Ekers, G. Hart, S. Kipfer and A. Loftus. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2013.

BERMANI, C. *Gramsci raccontato. Testimonianze raccolte da Cesare Bermani, Gianni Bosio e Mimma Paulesu Quercioli*. Rome: Edizioni Associate. 1987.

CANALI, M. *Il tradimento. Gramsci, Togliatti e la verità negata*. Venice: Marsilio, 2013.



CANFORA, L. Gramsci in carcere e il fascismo. Rome: Salerno, 2014a.

\_\_\_\_\_. Spie, URSS, antifascismo. Gramsci 1926–1937. Rome: Salerno, 2014b.

FABRE, G. Lo scambio. Come Gramsci non fu liberato. Palermo: Sellerio, 2015.

FINGER, A. ‘Comrade Luxemburg and Comrade Gramsci Pass Each Other at a Congress of the Second International in Switzerland on the 10th of March, 1912’. *Ploughshares*, 22 (1): 74–82, 1996.

FIORI, G. Vita di Antonio Gramsci. Bari: Laterza, 1966.

FIORI, G. Antonio Gramsci: Life of a Revolutionary. Translated by T. Nairn. London: NLB, 1970.

FITZGERALD, P. Innocence. Boston and New York: Houghton Mifflin. 1986.

GRAMSCI, A. Lettere dal carcere, edited by S. Caprioglio and E. Fubini. Turin: Einaudi, 1965.

\_\_\_\_\_. Selections from the Prison Notebooks, edited and translated by Q. Hoare and G. Nowell-Smith. London: Lawrence and Wishart, 1971.

\_\_\_\_\_. Quaderni del carcere. Edizione critica dell’Istituto Gramsci, edited by V. Gerratana. 4 volumes. Turin: Einaudi, 1975.

\_\_\_\_\_. Lettere 1908–1926, edited by A. A. Santucci. Turin: Einaudi, 1992.

\_\_\_\_\_. Letters from Prison, edited by F. Rosengarten. Translated by R. Rosenthal. 2 volumes. New York: Columbia University Press, 1994.

\_\_\_\_\_. A Great and Terrible World: The Pre-Prison Letters 1908–1926. Translated by D. Boothman. London: Lawrence and Wishart, 2014.

ISOLA, G. Guerra al regno della guerra! Storia della Lega proletaria mutilati invalidi reduci orfani e vedove di guerra (1918–1924). Florence: Le Lettere, 1990.

LO PIPARO, F. I due carceri di Gramsci: la prigione fascista e il labirinto comunista. Rome: Donzelli, 2012.

MAIONE, G. Il biennio rosso. Autonomia e spontaneità operaia nel 1919–1920. Bologna: Il Mulino, 1975.

NATOLI, C. ‘Gramsci in carcere: le campagne per la liberazione, il partito, l’Internazionale (1932–1933)’. *Studi Storici*, 2:295–352, 1995.

OLIVER, M. *The Politics of Disablement: a Sociological Approach*. London: Macmillan Education, 1990.

PAULESU QUERCIOLO, M. Gramsci vivo nelle testimonianze dei suoi contemporanei. Milan: Feltrinelli, 1977.

PLATONE, F. ‘Relazione sui quaderni del carcere. Per una storia degli intellettuali’. *Rinascita*, 3 (4): 81–90, 1946.

SCHIANCHI, M. ‘Associations of people with disabilities in Italy: a short history’. *Modern Italy*, 19 (2): 121–133, 2014.

SERGE, V. *Memoirs of a Revolutionary*. Translated from the French by P. Sedgwick with G. Paizis. New York: NYRB, 2012.

SHAKESPEARE, T. ‘Tom Shakespeare on Gramsci’. *Great Lives*, Series 34, Episode 5. BBC Radio 4. iPlayer Radio recording at <http://www.bbc.co.uk/programmes/b04fz6ky>, 2014a.

\_\_\_\_\_. ‘Antonio Gramsci (1891–1937)’. In blog *Our statures touch the skies*. Posted 2 September. <http://disabledlives.blogspot.co.uk/2014/09/antonio-gramsci-1891-1937.html>, 2014b.

SPRIANO, P. Gramsci in carcere e il partito. Rome: Editori Riuniti, 1977.

SRAFFA, P. Lettere a Tania per Gramsci, edited and introduced by V. Gerratana. Rome: Editori Riuniti, 1991.

TELÒ, M. 'L'interpretazione togliattiana di Gramsci e il problema della continuità della tradizione comunista italiana'. In Da Togliatti alla nuova sinistra (Proceedings of conference of PdUP held in Rome, 9–11 May 1975). Il manifesto, Quaderno 5. Rome: Alfani, 1976.

VACCA, G. Vita e pensiero di Antonio Gramsci. 1926–1937. Turin: Einaudi, 2012.

WILLIAMS, G. A. Proletarian Order: Antonio Gramsci, factory councils and the origins of Italian Communism, 1911–1921. London: Pluto, 1975.

*Recebido em 03 de abril de 2023*

*Aceito em 24 de abril de 2023*

*Editado em maio de 2023*